



Direitos sociais dos trabalhadores e luta antifascista

Agravam-se, mês a mês, dia após dia, as condições de vida dos que vivem do seu trabalho, das suas reformas e pensões.

A vida para o povo português está muito difícil, amarga e dura.

Os direitos sociais dos trabalhadores estão cerceados e limitados, o custo de vida aumenta, o Serviço Nacional de Saúde é atacado e degradado, a habitação cada vez mais especulativa, a educação está pior e com conteúdos sociais unilaterais, em suma, as várias vertentes e condições para uma vida melhor estão postas em causa.

Não basta constatar e diagnosticar a situação. Muitos o fazem, mas ficam por aqui.

A URAP – União dos Resistentes antifascistas Portugueses – não se limita a constatar e a diagnosticar vai mais além e, conseqüentemente, afirma que a situação económica e social tem responsáveis. Eles são, sem dúvida, os nossos governantes, secundados pela direita e extrema-direita com o beneplácito e apoio da União Europeia.

A riqueza criada no nosso país está muito mal distribuída por uma opção de classe aberta e por vezes dissimulada.

Não há dinheiro para o aumento dos salários e das pensões! Não há dinheiro para mais investimento no Serviço Nacional de Saúde, na Educação, Cultura, etc. Não se tomam medidas para refrear o aumento do custo de vida! Não há uma política séria de

habitação! Não há apoios tangíveis para os estudantes e jovens trabalhadores! Não há... Não há...

Inversamente, os grandes grupos económicos, as multinacionais aumentam exponencialmente os seus lucros em milhares de milhões de euros (Bancos, GALP, EDP, CTT, empresas da grande distribuição, etc.).

Há dinheiro para apoiar, com armas e outros meios, a escalada na guerra na Ucrânia, lume e mais lume para agravar o conflito. Quando o que é do interesse nacional é a Paz e o fim da Guerra através de uma solução negociada para acabar com o conflito.

Há dinheiro para uma política caritativa e paliativa para os mais carenciados, em vez de uma política séria para atenuar e resolver os problemas.

Os jovens trabalhadores e estudantes em Portugal têm uma vida assaz complicada: precariedade, falta de emprego, baixos salários, falta de apoios às Escolas e Universidades.

A recente JMJ (Jornada Mundial de Juventude) pela voz do seu mais alto dignitário constatou esta realidade que é necessário solucionar. Como foi afirmado por muitos milhares de jovens – «Os jovens querem a Paz, uma vida melhor, resolver os problemas e defender o ambiente!»

Este elencar de situações e problemas que são reais e graves, no actual contexto

social, económico e comunicacional criam condições objectivas para os arautos da direita e extrema-direita, para os que defendem ideias e práticas fascistas e fascizantes recrutarem para o seu ideário e prática o fortalecimento das suas organizações.

Os trabalhadores, os jovens, os reformados e as populações, de norte a sul do país, não têm cruzado os braços, têm lutado com determinação e empenho, pela melhoria dos salários, contra a precariedade e melhores pensões, pelo SNS, por uma Escola Pública de melhor qualidade, por melhor habitação, por melhor política ambiental.

Os democratas e antifascistas continuam na sua luta de resistência antifascista, contra a reescrita da história e o branqueamento do fascismo.

A URAP, com a sua coerência de sempre, continua com intensa actividade constante e permanente, um pouco por todo o País:

— Apresentando os seus livros de Resistência nas cidade e vilas;

— Intervindo nas Escolas e Universidades em sessões sobre o 25 de Abril;

— Preparando o 7.º Encontro de ex-presos políticos, famílias, democratas e antifascistas em 5 de Outubro em Peniche.

— Preparando e mobilizando o Encontro Nacional sobre a Paz em 28 de Outubro em Vila Nova de Gaia.

— Preparando a sua intervenção no Congresso da FIR (Federação Internacional de Resistentes) de 27 a 29 de Outubro em Barcelona.

— A URAP esclarece, intervém e luta por uma vida melhor, contra o branqueamento do fascismo, pelo progresso social e pela Paz.

César Roussado

POR UM MUSEU DA RESISTÊNCIA ANTIFASCISTA NO PORTO

A URAP está a promover uma petição visando garantir a criação de um museu da resistência na antiga sede da PIDE do Porto, na Rua do Heroísmo. - Pág. 3

ROTEIRO DA RESISTÊNCIA E SOLIDARIEDADE EM PENICHE COM MAIS DE 1000 VISITAS EM 2023 - Pág. 2

50 ANOS DO GOLPE FASCISTA NO CHILE -

Págs. 6 e 7

ROTEIRO DA RESISTÊNCIA E SOLIDARIEDADE EM PENICHE



O Roteiro da Resistência e Solidariedade, organizado pelo núcleo de Peniche da URAP em colaboração com o Museu Nacional Resistência e Liberdade, que percorre lugares emblemáticos da resistência ao fascismo, quer por serem locais de repressão, quer por serem zonas de acolhimento a familiares de presos, já realizou 38 visitas em 2023

De Janeiro a Julho do presente ano, 1163 pessoas participaram nas visitas, nomeadamente alunos das escolas básicas, secundárias, profissionais ou universidades seniores, e ainda associações de reformados ou de autarquias de todo o país.

As zonas visitadas são: Praia de S. Pedro; Fortaleza de Peniche; guarita da Fuga; casa do resistente antifascista de

Peniche Carlos Mota; casa de Celeste Rocha; mercearia de José da Costa; sede CDE para as eleições de 1969; posto da PSP de Peniche; casa de Dona Anunciada; casa de Salvador das Neves; restaurante Nabéu (Dona Maria José); casa de Jacinta Gonçalves; Associação Recreativa de Peniche; CICARP - Círculo de Iniciação Cinematográfica da Associação Recreativa de Peniche; Cooperativa Livreira Húmus; Largo Jacob Rodrigues Pereira, ponto de encontro nos cafés, Residencial Avis, que alugava quartos a familiares de presos políticos, e onde se iniciou o motim de Peniche em 1935; casa de Rui Passos; antigo Posto da PIDE; Largo da Câmara, a prisão municipal de Peniche; Capitania; Largo José da Costa, sede da CDE nas eleições de 1973.

URAP NAS ESCOLAS



Para as comemorações dos 50 anos da Revolução dos Cravos – 25 de Abril de 2024 – todos os núcleos da URAP devem prosseguir os contactos com as escolas da respectiva região para agendar debates, sessões, exposições e outras iniciativas evocativas do «dia inicial inteiro e limpo/onde emergimos da noite e do silêncio/e livres habitamos a substância do tempo». Para participar nestas acções podem contar com antigos presos políticos e resistentes antifascistas.

LIVROS DA URAP PELO PAÍS

O livro «Elas estiveram nas prisões do fascismo» foi apresentado pela URAP em Nisa e Montargil, distrito de Portalegre, dia 16 de Junho.

Em **Nisa**, na União de Freguesias de Espírito Santo, Nossa Senhora da Graça e São Simão, coube a Vitalina Sofio a apresentação do livro. Na mesa

estavam ainda Maria de Lurdes Araújo, do executivo da União de Freguesias, e Marina Costa, do PCP. A iniciativa foi organizada pela URAP e a União de Freguesias, tendo esta última oferecido um lanche convívio aos participantes.

Em **Montargil**, no concelho de Ponte de Sor, falaram sobre o conteúdo do livro Margarida Machado, Vitalina Sofio, Amável Alves e José Amante. A sessão realizou-se no Centro Cultural de Montargil e houve uma troca de informações sobre o trabalho desenvolvido pela URAP.

O livro «A caminho do 25 de Abril. 50 anos do 3.º Congresso da Oposição Democrática» esteve em destaque a 27 de Julho na Feira do Livro de **Peniche**, no Clube Recreativo Penichense. Participaram João Neves e Carlos Mota, membros da Comissão Nacional do Congresso.



Já no dia 13 desse mesmo mês, a obra fora apresentada no **Porto**, numa sessão realizada no espaço Atmosfera M, pelo advogado António Macedo Varela, o ex-sindicalista António Mota e a dirigente da URAP Maria José Ribeiro.

Mais recentemente, na **Festa do Avante!** este livro foi apresentado, em duas sessões, pelo militar Mário Simões Teles, Vítor Dias, Beatriz Rosa, Joaquim Judas e Adriano Encarnação.

A URAP esteve presente, com estas e outras edições, em diversas feiras do livro, nomeadamente Lisboa, Porto, Setúbal, Serpa e Moura.

URAP

URAP

Propriedade e edição da
**UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS
PORTUGUESES**

Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**
REDACTORA **LUÍSA TITO DE MORAIS**
PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
**RUA DA BENEFICÊNCIA Nº 239-A, 1600-019 LISBOA •
TELEFONE 213 576 083**

DEPOSITO LEGAL: 357338/18

POR UM MUSEU DA RESISTÊNCIA ANTIFASCISTA NO PORTO



Quando, em Julho de 2019, a Assembleia da República votou «recomendar ao Governo que crie um museu da resistência ao fascismo, no imóvel onde funcionou a delegação da ex-PIDE/DGS, no Porto, enquadrando-o numa Rede Nacional de Museus da Resistência», estávamos longe de pensar que quatro anos depois ainda não fosse uma realidade.

A resolução final da AR resultou de dois projectos apresentados pelo Partido Comunista Português e pelo Bloco de Esquerda e teve os votos a favor do PS, BE, PCP, PEV, PAN, a abstenção do PSD e o voto contra do CDS-PP.

No edifício do Heroísmo tem coabitado desde 2015 o Museu Militar do Porto, criado em 1997, e o projecto museológico «Do Heroísmo à Firmeza - Percursos da Memória na Casa da PIDE no Porto (1936/74)» dinamizado pela URAP através do seu núcleo do Porto.

Durante 40 anos, o edifício foi a sede da delegação no Porto da polícia política da ditadura fascista, com os nomes de PVDE,

PIDE e DGS. Ali estiveram presas mais de 7600 pessoas, mulheres e homens, por delicto de opinião, por lutarem pela democracia, a liberdade, a paz, a justiça social. Foram por isso encarcerados, muitos torturados e pelo menos dois mortos.

Para que em 2024, quando das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril de 1974, a instalação do Museu da Resistência Antifascista no Porto seja um facto, desejado por todos os democratas e antifascistas portugueses, está a decorrer uma petição pública, que a URAP apela a que seja assinada e divulgada e que pode ser encontrada e subscrita na Internet, nos sítios da URAP e da Petição Pública.

Apela-se, por isso, a que as entidades competentes, governo e chefias militares, tomem as medidas necessárias para que se torne realidade a criação, no edifício do Heroísmo, do Museu da Resistência Antifascista no Porto, sem prejuízo do projecto museológico em curso, e com envolvimento da URAP.

URAP REÚNE CONSELHO NACIONAL

A URAP vai reunir o Conselho Nacional dia 23 de Setembro, em Lisboa, durante todo o dia.

Segundo decisão do Conselho Directivo de 17 de Julho, o Conselho Nacional vai debruçar-se sobre tarefas da organização como o 7.º Encontro em Peniche, dia 5 de Outubro; o Congresso da Federação Internacional e Resistentes (FIR), no final do próximo mês de Outubro, em Barcelona; o combate ao projecto de museu que pretende reabilitar o fascismo, em S. Comba Dão; o trabalho com as escolas, alunos e professores destinado a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, nomeadamente.

UMA SEDE PARA A URAP



A URAP prossegue a campanha de fundos «Uma Sede para a URAP». É necessário que os sócios e amigos dêem um contributo especial, integral ou parcelado, com o objectivo de atingir a verba necessária para a aquisição de uma sede.

O espaço que a nossa associação necessita em Lisboa deve contribuir para reforçar a dinâmica do trabalho da URAP e ser um local de reuniões, colóquios, eventos culturais e artísticos.

Os depósitos ou transferências bancárias devem ser feitos para o NIB 0036 0344 9910 0030 46198 e o comprovativo enviado para o endereço de correio eletrónico da URAP, geral@urap.pt.

Participa!

Dá mais força à URAP!



Núcleo da URAP de Montemor-o-Novo lembra trabalhador assassinado há 65 anos

José Adelino dos Santos, trabalhador abatido a tiro pela GNR, em 1958, numa manifestação com centenas de pessoas concentradas junto à Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, foi lembrado dia 23 de Junho numa iniciativa do núcleo local da URAP.

Nessa manifestação os trabalhadores reivindicavam trabalho, melhores jornas, liberdade e eleições livres, e protestavam contra a burla eleitoral verificada nas recentes eleições para a Presidência da República que tinha como candidato da oposição democrática o General Humberto Delgado.



Na morte de Laura Lopes

A jurista Laura Lopes, resistente antifascista, fundadora do Movimento Democrático de Mulheres (MDM), defensora dos direitos das mulheres e da paz, com grande actividade antes e depois de Abril, morreu dia 30 de Junho, aos 100 anos.

Laura Vaz Lopes nasceu em Lisboa a 29 de Janeiro de 1923; integrou a Associação Feminina para a Paz de 1950 até ao seu encerramento pela PIDE em 1953. Professora na Escola Técnica de Emídio Navarro, em Almada, desde 1965, seria demitida um ano depois, por motivos políticos (subscrição da apresentação da candidatura da oposição democrática à Presidência da República do Prof. Ruy Luís Gomes e participação na campanha eleitoral). Em 1967 licenciou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e exerceu a advocacia na área do Direito Criminal e de Família.

Laura Lopes foi fundadora do MDM, sua dirigente e membro do Conselho Nacional desde o 1.º Congresso em 1980. Viveu em Paris entre 1973 e 1974, aderiu

à Comissão de Paz, que viria a tornar-se o Conselho Português para a Paz e Cooperação. Nesta organização, criou com outras três mulheres a Comissão de Desarmamento do CPPC.

Foi igualmente membro do Movimento Português dos Educadores para a Paz, desde o seu início em 1981. Conciliou então a actividade da advocacia com a carreira docente.

Regressou a Portugal no 1.º de Maio de 1974. Laura Lopes teve ainda uma participação cívica e política na Assembleia de Freguesia da Penha de França entre 1979 e 1982.



Na morte de Maria Galveias

Maria Guilhermina Ferreira Galveias morreu a 4 de Agosto. Natural do Couço, camponesa, participou na luta pela jornada de oito horas nos campos, em 1962, o que lhe valeu a prisão, juntamente com a filha, e torturas: sujeita a bárbaros espancamentos durante 11 dias, resistiu. Quando da sua libertação, encontrava-se com a saúde debilitada. Membro do PCP, foi delegada sindical após o 25 de Abril na Titan, na Amadora, para onde foi residir.



Solidariedade com Cuba juntou milhares em Lisboa

A URAP foi uma das organizações signatárias do documento que convocou a sessão de solidariedade com Cuba realizada a 15 de Julho, na Voz do Operário, em Lisboa. Mais de duas mil pessoas, vindas de todo o País, encheram por completo o salão da histórica colectividade lisboeta (muitos tiveram que assistir por transmissão por vídeo no refeitório) para prestar solidariedade a Cuba e ao seu povo e exigir o fim do criminoso bloqueio económico, comercial e financeiro imposto pelos Estados Unidos da América. Salientados foram, também, as importantes conquistas da Revolução cubana ao nível da saúde, da educação, da justiça social.

Na intervenção que proferiu, o Presidente da República de Cuba, Miguel Diaz-Canel, agradeceu a calorosa solidariedade, denunciou os efeitos do bloqueio nas condições de vida do povo



e no desenvolvimento do país e garantiu que «Cuba não se rende nem se ajoelha». O presidente da Voz do Operário, Manuel Figueiredo, exaltou o exemplo de Cuba para a luta dos povos de todo o mundo pela soberania, a liberdade e os direitos.

Artistas portugueses e cubanos protagonizaram um emotivo momento cultural.

Petição à Assembleia da República sobre Cambedo da Raia e o pós-guerra civil espanhola

A URAP assinou a Petição à Assembleia da República Portuguesa denominada «Pelo Direito à Memória e ao Ressarcimento – Cambedo da Raia e o pós-guerra civil espanhola – Os trágicos acontecimentos de Dezembro de 1946», cujo primeiro subscritor é a Associação Desportiva, Cultural e Recreativa de Cambedo da Raia.

A Petição, aberta a todos, é apresentada por uma Comissão Promotora que engloba as associações desportivas de Cambedo da Raia e de Vilarelho da Raia, a Junta de Freguesia de Vilarelho da Raia, membros da comunidade cambedense e seus familiares, investigadores e historiadores e outras entidades.

Os subscritores solicitam à AR que «aprove uma resolução com um reconhecimento público de homenagem à comunidade cambedense, em especial ao seu direito à memória dos que tendo sido testemunhas da tragédia, já faleceram sem nunca terem sentido qualquer atenção do Estado Democrático».

URAP participa no XIX Congresso da Federação Internacional de Resistentes

Uma delegação da URAP, constituída pelo coordenador, José Pedro Soares, por César Roussado, membro do Conselho Directivo, e Matilde Lima, do Conselho Nacional, participa entre 27 e 29 de Outubro, em Barcelona, no XIX Congresso da Federação Internacional de Resistentes (FIR).

Como nos congressos anteriores, a URAP, que é filiada na FIR, irá intervir sobre os problemas nacionais e internacionais, no que respeita à luta contra a política de direita e fascizante de muitos países, com um apelo veemente à construção de um mundo sem conflitos, elegendo a paz como o mais sublime dos direitos humanos.



Continua a «chover em Santiago»

Está na altura de rever «Chove em Santiago», esse filme de 1976 incomodativo para as almas postas em sossego cada dia mais conformadas a viver na realidade paralela em que o sistema financeiro-económico-militar, através das classes políticas e dos meios mediáticos totalitários, nos pretende mergulhar sem alternativa.

«Chove em Santiago» é um filme que nos sacode, que simultaneamente nos fixa numa época e nos faz caminhar meio século, não apenas porque isto anda tudo ligado mas porque – heresia das heresias – há uma relação crua e sangrenta de causa e efeito entre 11 de Setembro de 1973, o ano do golpe fascista no Chile, e a realidade em que vivemos, «ocidentalmente» falando, em 11 de Setembro de 2023.

Por isso, ver ou rever «Chove em Santiago» não é um qualquer acto trivial e burocrático proporcionado por uma efeméride redonda, como fazem, por exemplo, a maioria dos deputados da Assembleia da República quando se trata de assinalar o 25 de Abril de 1974; é um regresso às origens do sistema financeiro-económico-militar e político em que vivemos – ao compasso das botas cardadas da NATO e das manobras dos oligarcas sem pátria que fazem mover a União Europeia.

Em poucas palavras, o filme «Chove em Santiago» do chileno Helvio Soto, resultante de uma produção franco-búlgara (nos tempos em que a Bulgária era um país), reproduz com fidelidade os acontecimentos do dia 11 de Setembro de 1973, quando um golpe militar derrubou o governo constitucional da Unidade Popular do Presidente socialista Salvador Allende e instaurou uma ditadura fascista. Tratou-se, segundo a linguagem mais comum, do «golpe de Pinochet», o general que o comandou operacionalmente e assumiu a ditadura. Como nos demonstra o filme, porém, foi um golpe dos Estados Unidos da América

para repor «a normalidade», três anos de conspiração e sabotagem depois de «os marxistas» terem ganho as eleições gerais livres e democráticas. Esta prática terrorista continua bem viva hoje sempre que as eleições aqui ou ali não dão os resultados pretendidos por Washington ou Bruxelas. Então haverá golpe ou tentativa de golpe e sanções para matar à fome os povos que não se comportaram como seria suposto.

O Chile não foi, por isso, cenário único para um golpe norte-americano. Aconteceu o mesmo no Brasil, na Argentina, na Bolívia, no Peru, no Paraguai, no Uruguai, enfim através de todo o «quintal das traseiras» da «democracia americana». Dezenas de milhares de seres humanos, defensores da democracia, da liberdade e da justiça social, foram assassinados e muitos

continuam «desaparecidos» para «corrigir» quaisquer «desvios» à ordem imposta por Washington, violando constituições em nome da «normalidade constitucional».

Um golpe estratégico

Se «Chove em Santiago» – oportunidade para usufruirmos de momentos de interpretação por históricos do cinema como Bibi Anderson (uma das deusas de Bergman), Jean-Louis Trintignant e Annie Girardot (numa breve incursão à magia do Nouveau Cinema francês) – nos fixa num determinado momento histórico, o facto mais importante é que tem uma actualidade transcendente.



De certa forma continua a «chover em Santiago» – a senha usada pelos esbirros do golpe – porque a instauração do fascismo no Chile abriu uma porta estratégica para o sistema financeiro, económico e político que domina actualmente o mundo e que pretende ter uma amplitude globalista através de mecanismos que o próprio George Orwell não conseguiu antever. Exagero? Acompanhemos a acção do Fórum Económico Mundial, e não apenas nas suas cimeiras anuais em Davos, e saberemos como se fabrica o caminho para «não termos nada e sermos felizes» sob um fascismo planetário.

O golpe de 1973 no Chile, ditadura fascista pura e dura, serviu de guardacostas à primeira aplicação da ortodoxia económica neoliberal num país, através de um universo de malfeitorias sociais interligadas que se tornaram, ao longo de 50 anos, as alavancas do sistema de sociedade em que vivemos na generalidade do chamado «mundo ocidental» – e não só.

Privatização total dos sectores produtivos, económicos e financeiros, desemprego, eliminação dos mais elementares direitos laborais (a infundável desregulação do mercado laboral), desmembramento dos sectores públicos de saúde, educação, habitação, eliminação gradual dos mecanismos de soberania, privatização da segurança social, trabalho precário, escravatura, agravamento terrorista das desigualdades sociais, combate aos direitos sindicais e muitas outras acções que cada um de nós conhece por experiência própria tiveram o seu primeiro teste em bloco no Chile de Pinochet. O aparelho económico da ditadura foi ocupado pelos «Chicago Boys», os discípulos dos grandes teóricos da anarquia e selvajaria capitalistas. Através das suas práticas demonstraram-nos que o capitalismo a sério não pode admitir quaisquer preocupações sociais e assim espalharam a sua palavra e actos pelo mundo inteiro.

Margaret Thatcher olhou para o regime de Pinochet e sentiu inveja. Lamentou não o reproduzir por inteiro (sobretudo liquidando a oposição) por causa das exigências constitucionais britânicas, mas conseguiu, juntamente



com Ronald Reagan nos Estados Unidos, impor a parte económica da ditadura em regime de «democracia». A partir de então, o processo adquiriu uma dinâmica vertiginosa de absorção neoliberalista das ideologias associadas ao capitalismo, à qual nem os socialistas nem os social-democratas escaparam, como está demonstrado.

O Chile de Pinochet testou e exportou o fascismo económico, a expressão que, por pudor, muitos se escusam a usar enquanto as sociedades «civilizadas» por ele modeladas vão impondo a ideologia única (capitalismo selvagem), a opinião única, a marginalização das oposições por uma classe financeira-económica-militar-política-mediática a caminho do totalitarismo.

Falar em fascismo económico é um atrevimento; e o antifascismo tornou-se, para a opinião dominante, uma aberração, um anacronismo com que apenas alguns se preocupam, ao que parece por mania da perseguição.

Entre as suas muitas perversidades, a selvajaria neoliberal reinante tem ainda esta: a de negar o nazi-fascismo mesmo que se meta pelos olhos dentro. O chefe de Estado da República Portuguesa nascida da revolução antifascista do 25 de Abril acaba de honrar o nazi ucraniano Volodymyr Zelensky com a «Ordem da Liberdade». Zelensky não é nazi? O seu

regime adoptou a herança ideológica, política, xenófoba e racista do banderismo (de Stepan Bandera), afirmado na prática através da colaboração sanguinária com o regime de Hitler. Poucos dias antes de receber o Chefe de Estado português, Zelensky teve uma reunião (os vídeos confirmam-no) de planeamento de guerra com Andriy Biletsky, conhecido como o «führer branco», chefe do esquadrão da morte nazi-atlantista denominado Azov.

A obra teórica de Biletsky, que se fundamenta no princípio de «liderar as raças brancas na cruzada final contra os sub-humanos dirigidos pelos semitas», é ensinada nas escolas e inspira a guerra lançada pelo poder «ucraniano puro», mecanismo segregacionista estabelecido por lei de 2021 contra as minorias étnicas do país. Pinochet sentiria inveja de Biletsky e de Zelensky. Marcelo Rebelo de Sousa condecora-o, agora que o 25 de Abril vai fazer 50 anos. E o primeiro-ministro, António Costa, financia-o com pelo menos 250 milhões de euros (valor que não inclui o armamento enviado para a Ucrânia e para a sucata) extorquidos aos portugueses.

Continua «a chover» e não apenas em Santiago. Mobilizar uma grande vaga antifascista é uma resposta urgente.

José Goulão
Jornalista

III Encontro pela Paz decorre a 28 de Outubro em Vila Nova de Gaia

«Nos 50 de Abril, pela Paz, todos não somos demais!» é o lema do III Encontro pela Paz, que decorrerá dia 28 de Outubro, no Pavilhão Municipal, em Oliveira do Douro, Vila Nova de Gaia, organizado pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC) e com o apoio da URAP e de outras organizações sociais.

As organizações signatárias até agora, a par da URAP, são a Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto (CPCCRD); a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses (CGTP-IN); a FENPROF - Federação Nacional dos Professores; a Juventude Operária Católica (JOC Portugal); o MDM - Movimento Democrático de Mulheres; o Movimento dos Municípios pela Paz (MMP); o Movimento pelos Direitos do Povo Palestino e pela Paz no Médio Oriente (MPPM); a Obra Católica Portuguesa das Migrações (OCPM); o município de Setúbal (local do último Encontro pela Paz), o município de Évora (coordenadora em Portugal da rede Mayors for Peace) e a Câmara Municipal de Gaia (anfitriã do III Encontro pela Paz).

O III Encontro pela Paz, que ocorre nas proximidades dos 50 anos do 25 de Abril de 1974, visa reiterar a inequívoca posição pública contra a guerra e defender os valores da Paz e da solidariedade entre os povos. O objectivo do encontro é contribuir para a promoção da mobilização e intervenção em defesa da Paz e da cooperação internacional, pela rejeição do militarismo, da corrida aos armamentos e da guerra, tendo presentes os princípios constantes na Constituição da República Portuguesa e na Carta das Nações Unidas.

Os dois anteriores Encontros pela Paz realizaram-se a 20 de Outubro de 2018, em Loures, e em 5 de Junho de 2021, em Setúbal. O actual, em Vila Nova de Gaia, acontece num momento muito importante, quando é imperioso encontrar respostas mais adequadas para enfrentar as sérias ameaças à Paz que continuam a pairar sobre a Humanidade.



Convívio em Peniche a 5 de Outubro

O VII Encontro-Convívio promovido por ex-presos políticos, familiares, democratas e amigos, organizado pela URAP com a colaboração do Museu Nacional Resistência e Liberdade, realiza-se no próximo dia 5 de Outubro. A jornada inicia-se às 13h00 na Cantina da Câmara Municipal de Peniche, seguindo-se um desfile até à fortaleza, onde se realizará um momento político e cultural.

O evento evoca a acção de luta que, ali mesmo, em 2016, exigiu a reversão da decisão governamental de entrega daquele local histórico a privados para fins hoteleiros, o que contribuiu para a criação do Museu Nacional Resistência e Liberdade.



WWW.URAP.PT

www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses